

# Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

Organizadores

José Albio Moreira de Sales  
Mirian Nogueira Tavares

## COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

### Editores

Lia Machado Fiuzza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

## CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

### Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil  
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil  
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil  
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil  
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil  
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil  
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil  
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil  
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil  
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

### Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal  
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América  
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal  
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América  
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha  
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América  
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México  
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França  
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile  
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

**REITOR** - Hidelbrando dos Santos Soares

**VICE-REITOR** - Dárcio Ítalo Alves Teixeira

### EDITORA DA UECE

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** - Cleudene de Oliveira Aragão

### CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira • Ana Cristina de Moraes • André Lima Sousa • Antonio Rodrigues Ferreira Junior  
Daniele Alves Ferreira • Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos  
Germana Costa Paixão • Heraldo Simões Ferreira • Jamili Silva Fialho • Lia Pinheiro Barbosa  
Maria do Socorro Pinheiro • Paula Bittencourt Vago • Paula Fabricia Brandao Aguiar Mesquita  
Sandra Maria Gadelha de Carvalho • Sarah Maria Forte Diogo • Vicente Thiago Freire Brazil

Organizadores  
José Albio Moreira de Sales  
Mirian Nogueira Tavares

# Investigação em Arte, Ensino e Experiências Transcontinentais

ADÉRITO FERNANDES-MARCOS  
ANA CRISTINA DE MORAES  
ANA FILIPA MARTINS  
ANTÓNIO FRAGOSO  
BRUNO MENDES DA SILVA  
DENISE MELLER LOSEKANN  
ELTER MANUEL CARLOS  
ELTON DA SILVA SOUZA  
FRANCIONE OLIVEIRA CARVALHO  
FRANCISCO SILVA CAVALCANTE JUNIOR  
GABRIEL EVANGELISTA  
JOÃO ÁLVARO FERNANDES  
JOSÉ ALBIO MOREIRA SALES  
LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES  
MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA  
MIRIAN NOGUEIRA TAVARES  
NATÁLIA LARANJINHA  
PEDRO ALVES DA VEIGA  
RAFAEL DE SOUSA CARVALHO  
SELMA PEREIRA  
SUSANA COSTA  
THALITA DE CÁSSIA REIS TEODORO  
THAYNÁ GOMES DE MELO LEITE



1ª EDIÇÃO

FORTALEZA-CE | 2025

## INVESTIGAÇÃO EM ARTE, ENSINO E EXPERIÊNCIAS TRANSCONTINENTAIS

© 2025 Copyright by José Albio Moreira de Sales e Mirian Nogueira Tavares (Orgs.)

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

### TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE  
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará  
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893  
Internet: [www.uece.br/eduece](http://www.uece.br/eduece) – E-mail: [eduece@uece.br](mailto:eduece@uece.br)



Coordenação Editorial  
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa  
Carlos Alberto Alexandre Dantas  
[carlosalberto.adantas@gmail.com](mailto:carlosalberto.adantas@gmail.com)

Revisão Vernacular e Normalização  
Jarles Lopes de Medeiros  
[jarles.lobes@uece.br](mailto:jarles.lobes@uece.br)

Este trabalho é apoiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UID/04019: Centro de Investigação em Artes e Comunicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

5163i Sales, José Albio Moreira de

Investigação em arte, ensino e experiências transccontinentais/  
José Albio Moreira de Sales; Mirian Nogueira Tavares (org.). – Forta-  
leza: EdUECE, 2025.

295p. il. [livro eletrônico]

ISBN: 978-85-7826-996-8

<https://doi.org/10.34623/ye65-be91/978-85-7826-996-8>

1. Arte. 2. Educação. 3. Ensino. 4. Experiência. 5. Sales, José Albio Mo-  
reira de. 6. Tavares, Mirian Nogueira. I. Título

---

CDD 370

# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO • 7

José Albio Moreira Sales

Mirian Nogueira Tavares

## PARTE I

### ARTE, INTERDISCIPLINARIDADE, CULTURA E TECNOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS

#### 1 **PROJETO INVITRO: NO CAMINHO DA DEMOCRATIZAÇÃO E DA TRANSDISCIPLINARIDADE ENTRE ARTEFATOS, EXPERIÊNCIAS E PENSAMENTO CRIATIVO • 15**

Adérito Fernandes-Marcos

Selma Pereira

#### 2 **A/R/COGRAFIA NO ENSINO E PRÁTICA ARTÍSTICA: A EXPERIÊNCIA NO DOCTORAMENTO EM MÉDIA-ARTE DIGITAL • 35**

Pedro Alves da Veiga

#### 3 **O JOGO UNBULLY: FANTASIA E EMPATIA PARA ENFRENTAR O DISCURSO DE ÓDIO EM COMUNIDADES ONLINE • 66**

Gabriel Evangelista

Susana Costa

Ana Filipa Martins

Bruno Mendes da Silva

#### 4 **ARTE E CULTURA POPULAR NOS CURSOS DE ARTES VISUAIS: INSISTÊNCIA/RESISTÊNCIA • 89**

Leda Maria de Barros Guimarães

## PARTE II

### ENSINO, PESQUISAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CAMPO DA ARTE

#### 5 **A ESPETACULARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: INVESTIGANDO O IMAGINÁRIO VISUAL DE UMA ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO • 127**

João Álvaro Fernandes

António Fragoso

- 6 O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA NUMA PERSPETIVA PÓS-HUMANISTA: O CASO DE MARROCOS • 152**  
Natália Laranjinha
- 7 EDUCAÇÃO ESTÉTICA EM MOSTRAS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS NO CURSO DE PEDAGOGIA • 172**  
Elton da Silva Souza  
Ana Cristina de Moraes
- 8 PRESENÇA DO CORPO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS AFORREFERENCIADAS PARA UMA EDUCAÇÃO SENSÍVEL E ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO DOCENTE • 190**  
Thalita de Cássia Reis Teodoro  
Francione Oliveira Carvalho

### **PARTE III**

#### ARTE NO DIÁLOGO COM A *POÍESIS* E FORMAÇÃO ESTÉTICA

- 9 EMPOEMAR A UNIVERSIDADE É PRECISO • 215**  
Francisco Silva Cavalcante Junior
- 10 IMPERMANÊNCIA PRÍSTINA DA IMAGEM-SERPENTE • 231**  
Rafael de Sousa Carvalho  
Thayná Gomes de Melo Leite  
José Albio Moreira Sales
- 11 SOBRE IMAGENS QUE COMPÕEM COM ESCRITAS NO AGENCIAMENTO DE UM DIÁRIO COLETIVO • 243**  
Marilda Oliveira de Oliveira  
Denise Meller Losekann
- 12 PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO COMO OBRA DE ARTE: ENSINAR EXIGE ÉTICA E ESTÉTICA • 265**  
Elter Manuel Carlos

## 4 ARTE E CULTURA POPULAR NOS CURSOS DE ARTES VISUAIS: INSISTÊNCIA/RESISTÊNCIA

<https://doi.org/10.34623/b3s4-5r66/978-85-7826-996-8/cap4>

### **LEDA MARIA DE BARROS GUIMARÃES**

Possui doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (2005) e pós-doutorado na Universidade Complutense de Madrid-Espanha. Professora titular da Universidade Federal de Goiás. Graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística pela Fundação Armando Álvares Penteado (1985), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (1995). É vice-coordenadora da Especialização em Ensino de Artes Visuais - Abordagens Metodológicas e Processos de Criação da FAV-UFG. Faz parte dos seguintes grupos de pesquisa: Cultura Visual e Educação, {in}comum - Grupo de Pesquisa em Arte, Educação, Profissionalização, Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte/Educação Borrando Fronteiras (GEPABOF) e do Grupo Enrede.

E-mail: leda\_guimaraes@ufg.br

## Introdução

Estou na docência em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais da UFG desde 1997, trabalhando com a disciplina de Arte e Cultura Popular, buscando, ao longo desse tempo, deflagrar discussões que ampliem perspectivas na maneira de compreender esses termos, juntos ou conjugados. A experiência dessa oferta não me trouxe “certezas” a respeito da validade da existência da disciplina no currículo do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Pelo contrário, a cada oferta, surgem inquietações sobre a forma como licenciandos(as) percebem esse campo de estudo, se conseguem estabelecer correlações com a sua formação na contemporaneidade ou, se ao se tratar de “arte popular”, pensam logo em algo obsoleto que não cabe mais na contemporaneidade. Essas dúvidas não se referem à minha percepção acerca da importância do assunto, tanto é que as experiências pedagógicas desenvolvidas de 1997 a 2000 ajudaram a construir parte da minha pesquisa de doutorado realizada na ECA-USP (Guimarães, 2005) sob a orientação de Ana Mae Barbosa, entre os anos de 2001 e 2005.

Com o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, as questões em torno da arte e da cultura popular se concentraram na pesquisa, atraindo projetos com interesses investigativos nas diversas possibilidades de abordar as manifestações populares na interlocução com a cultura visual. Produzi alguns textos com essas discussões, nos quais colo-

co em debate concepções fixas, simplistas e hegemônicas sobre arte e cultura popular, bem como sobre a contribuição dessas discussões para um ensino de artes visuais menos colonizado.

Depois de um tempo trabalhando com essas questões, somente na pós-graduação, depois da pandemia, voltam a me atribuir a disciplina Arte e Cultura Popular para estudantes de graduação. Como docência e pesquisa não se separam, este texto apresenta a estrutura da proposta da disciplina do segundo semestre de 2023 e alguns exemplos da produção discente resultante da proposta, bem como reflexões sobre o processo. Do ponto de vista metodológico, o texto caracteriza-se como um relato de experiência docente/discente no qual eu, como proponente do processo, narro e registro as reflexões com base no material produzido.

Como dados empíricos, trabalhei com 20 textos de estudantes/participantes da disciplina de 2023, dos quais fiz recortes apresentando suas escolhas, justificativas e pistas sobre a percepção e a importância de estudar artistas do veio popular na sua formação. Desde 2022, essa disciplina pertencente ao currículo do curso presencial é trabalhada no formato EAD, com aulas síncronas em alguns sábados e a carga horária restante em uma plataforma digital, em nosso caso o *moodle* IPÊ.

É importante esclarecer que eu tenho trabalhado na oferta de cursos de licenciatura em artes visuais nessa modalidade, mas ofertar disciplinas isoladas dentro de um currículo de curso presencial é bem diferente da oferta de um curso inteiro nesse formato. Certamente, lidar com estudantes acostumados(as) a ficarem sentados(as) em uma sala de aula regular presencialmente não era a mesma coisa, pois no formato remoto os(as) discentes não compreendiam ou não tinham vivenciado as dinâmicas da interação no *moodle* e não tinham a experiência de autogestão do seu processo de aprendizagem. Feita esta introdução para contextualizar a experiência, passo a descrever a proposta.

## Desenvolvimento: identificando a proposta do percurso

Comecei a disciplina indagando sobre percepções a respeito de arte e cultura popular. O que traziam? O que esperavam da disciplina? As respostas trouxeram diferentes perspectivas, como por exemplo:

Minha opinião sobre cultura popular é a de que por muito tempo na História ela foi caracterizada por aquela cultura que é produzida pela **classe trabalhadora**, aquela que se **distingue da cultura erudita**. Essa cultura popular não é única, nem homogênea, e é, portanto, **híbrida** (Acsa).

A minha percepção de arte e cultura popular é não só de aspectos e elementos produzidos por uma comunidade ou povo, mas também aquilo que é **consumido por essas pessoas**, mas que não necessariamente é produzido por um grupo ou indivíduo pertencente à mesma classe (Maria Vitória).

Para mim, cultura popular é a cultura popular, que é **acessada por todas as camadas sociais**, e é produzida também por elas (Gabs Pires).

Penso que arte e cultura popular é onde a arte e as produções culturais realmente se aproximam (e partem) da população em geral de maneira **mais orgânica e humana**, sem se descolar do trabalho e da “utilidade”. Segue o [link](#) do vídeo que citei na aula síncrona do dia 14/10 – e recomendo muito – sobre “A Arte é Inútil?”.

Creio que essa matéria irá trabalhar com a cultura popular tendo em **foco costumes e tradições** com um olhar crítico e com o objetivo de **eleva essa cultura ao mesmo patamar que a erudita**, que tanto trabalhamos em sala de aula tida como a melhor. Tá aí! Vamos desmistificar o que é considerado cultura e o que não é e, levando em

conta a disciplina anterior de Arte e Cultura Visual, os autores que acompanharemos vão revelar essa e aquela “característica” que diferenciam a cultura popular da cultura dita erudita (Wrick).

Minha ideia do que seja arte e cultura popular é de **algo que está relacionado com as manifestações culturais de cada região**, seja um estado ou um bairro. Acredito que qualquer cultura expresse arte de diversas formas (Geovana Pinheiro).

Eu penso que arte e cultura popular estão relacionadas com todas as maneiras de **expressão artísticas manifestadas pelo povo em forma dos mais diversos costumes** (Carolina Mazoti).

Eu acredito que arte e cultura popular são **dois extremos**, já que são temas muito amplos, tanto a definição de arte como a de cultura é muito subjetiva para cada indivíduo, dessa forma as vejo como interdependentes, já que para a criação de arte é necessária a cultura popular, e a arte é um meio de se disseminar essa cultura, agora qual arte e qual cultura serão transmitidas depende apenas de cada um de nós (Maria Julia).

Penso que arte e cultura popular seja **tudo que é produzido e pensado em relação à comunidade**, juntando a cultura de conhecimento popular vindo da bagagem histórica social de cada indivíduo (Isabela).

Minha visão sobre arte e cultura popular é que há uma espécie de **discriminação** que o senso comum, ou a elite, faz entre as duas. Arte, de acordo com essa ideia, seria as obras de Da Vinci, enquanto, por exemplo, o grafite seria posto como cultura popular, esse popular no sentido de ter menos valor. Ao pensar nesses dois conceitos, não consigo deixar de pensar na divisão criada entre os dois (Mirian Raiza).

Quando penso em arte popular, automaticamente me vem à cabeça: o povo. Mas não se limitando somente a isso, arte popular é independente de instituições ou academias, compreendendo que **a arte popular também é instrumento de diálogo com a sociedade, ela percorre entre indivíduo e povo** buscando novas perspectivas que podem se diferenciar em certos aspectos e divergir em outros, cria-se uma “separação” entre o povo, surgindo essa diferença entre culturas e seus costumes, práticas artísticas (Lucas Reis).

Arte popular é algo que entendo de diferentes maneiras. Não acho que exista apenas uma definição para essa expressão. Uma forma que entendo é enquanto produções populares, ou da cultura popular, que nem costumam ter a valorização que merecem enquanto produções artísticas, mas que o povo as produz (Marco Marques).

Temos nos depoimentos acima diferentes formas de compreender arte e cultura popular, algumas ainda ligadas a concepções mais tradicionais dos costumes, outras já apontam para compreensões mais plurais, outros apontam as questões da discriminação social, alguns depoimentos indicam para o lugar da cultura popular como espaço de diálogos e de hibridismos, temos ainda a questão do popular ligado ao acesso e consumo. Não consigo precisar se esses depoimentos são frutos das discussões dos encontros síncronos e/ou das primeiras leituras, uma vez que o tempo para participar do fórum é bem elástico e o espaço assíncrono garante que cada pessoa participe no tempo que lhe for mais apropriado.

De qualquer maneira, estava ali uma turma com posicionamentos pertinentes para iniciarmos um percurso de aprofundamento das questões iniciais já apontadas. A expectativa é que as opiniões colhidas nesse primeiro mapeamento se tornassem mais complexas a cada etapa da disciplina, cujo percurso de aprendizagem foi estruturado em quatro etapas (ou

tópicos). Depois dessa sondagem inicial, seguimos para quatro etapas (tópicos).

Tópico 1 – Do singular para o plural: com quantas concepções se faz o popular? 06 a 21 de outubro. Leitura dos textos PLURAL, MAS NÃO CAÓTICO, Bosi (1999), e CULTURA POPULAR, UM CONCEITO E VÁRIAS HISTÓRIAS, da autora Martha Abreu (2003). Bosi chama atenção para o caráter plural e discursivo do que se costuma chamar de cultura brasileira. Que elementos ele apresenta para a importância de uma percepção plural, não homogênea, sobre cultura?

Com base nesse texto, procuramos refletir sobre como o autor situa o papel do mercado, da industrialização (e hoje podemos acrescentar das mídias e redes sociais) nas dinâmicas culturais. Indagamos também sobre o que o autor chama de “Tempo acelerado” e como seus efeitos continuam válidos para os dias de hoje. Também nos debruçamos sobre os contrastos entre cultura de massa, cultura do povo (tradicional) e cultura erudita.

Já no texto de Abreu, a autora alerta que é bom não perder de vista que, como todo o conceito, “Cultura popular constrói identidades e possui uma história. Neste caso, várias histórias”. Assim, procuramos entender quais histórias sobre cultura popular a autora nos apresenta no seu texto, em especial no contexto brasileiro.

O Tópico 2 teve como tema “Criadores/criadoras: produções, contextos e circunstâncias” (21 a 31 de outubro). Para este segundo tópico fizemos uma aula síncrona com o tema do tópico trazendo problematizações e reflexões sobre quem são as pessoas consideradas artistas populares, seus contextos históricos de vida e de produção. Para isso, pedimos que pesquisassem e assistissem vídeos no *Youtube* sobre “artistas populares no Brasil”, escolhendo um vídeo para uma análise mais particularizada, fazendo anotações e produzindo uma ficha sobre o(a) artista em pauta.

Diferentes vídeos surgiram como resultado, de Daiara Tukano, artista contemporânea indígena, a Mestre Vitalino, tradicional artista popular do Nordeste brasileiro. Também foram trazidos vídeos com trabalhos e pessoas menos conhecidas, como, por exemplo, o artista, professor e construtor vernacular Rafael Almeida Teixeira e a ceramista quilombola Dona Xica, da Cidade de Goiás, antiga capital de Goiás; o gravador Lourenço Gouveia, artista do imaginário brasileiro; o interessante trabalho de ilustração do artista gráfico Arnaldo Baptista; o pintor Marcos Brasil, artista do norte do Paraná radicado na Chapada dos Veadeiros, na Vila de São Jorge, Goiás; o ceramista de Sebastião Wilson Ferreira de Amorim, de Limoeiro (PE); Susano Correia, com pinturas e desenhos com um estilo único e próprio, abordando temas psicológicos.

Outros vídeos trouxeram artistas mais famosos já catalogados em sites e outros meios, como, por exemplo, a artista baiana Madalena dos Santos Reinbolt (1919-1977), a bonequeira mineira Izabel Cunha, Emanuel Araújo, Dona Irineia de Alagoas, artista popular da cerâmica considerada patrimônio vivo de Alagoas, Espedito Seleiro, conhecido com a sua arte do couro no sertão do Cariri-Ceará, a xilogravura do pernambucano J. Borges, o músico e pintor carioca Heitor dos Prazeres e o pintor e escultor de origem portuguesa Antônio Poteiro, que viveu no estado de Goiás; e o também goiano Octo Marques.

Esse tópico também propiciou ricas discussões sobre a dificuldade de denominarmos se determinados(a) artistas são ou deixam de ser populares. Nos vídeos foram analisados os encontros entre diferentes atores/atrizes da norma culta – professores(as), críticos(as), galeristas, museólogos(as) etc. – com esses e essas artistas. Chegaram outros vídeos com artistas contemporâneos cujos trabalhos dialogavam, segundo os(as) estudantes, com as artes populares, como é o caso de Vick Muniz e Rosana Paulino.

Essa relação é pertinente e nos faz pensar na proposição que Lorenzo Mammí (2018) estabelece ao situar a arte popular

na mesma corrente da arte chamada erudita, que se caracteriza “[...] pela inscrição consciente numa história que começa lá atrás com Giotto....e chega aos contemporâneos” (p. 38), ressaltando um certo caráter autoral “[...] na medida em que cada artista combina em seu estilo singular, segundo sua situação e escolhas, diferentes tradições e modelos” (Mammí, 2018, p. 38).

Já o Tópico 3 tinha como objetivo ressaltar circuitos de visibilidade da produção popular, tais como galerias, museus, feiras e mostras (01 a 18 de novembro). Nas primeiras trocas de ideias sobre a disciplina, algumas pessoas colocaram que arte popular era aquela que não estava no museu. Ao longo do processo, vimos que essa classificação não é adequada, uma vez que existem diversos locais nos quais a produção chamada popular é exposta. Depois de termos mapeados criadores(as) descritos(as) como artistas populares, aprofundamos nesse tópico como e por onde a produção é configurada como popular com suas diversas denominações (*naif*, primitiva e espontânea, e tantos outros termos) circula e se faz visível.

Cada estudante examinou como o(a) artista escolhido(a) poderia ser identificado(a) em: 1) exposições (individuais ou coletivas); 2) se tinha visibilidade na rede *www* (redes sociais e outros meios – *Instagram*, *Blogs*, *Vlogs*, *Youtube*, acervos digitais etc.); 3) se havia produção teórica a seu respeito mapeando catálogos, monografias, teses, etc.; 4) identificar pessoas (produtoras, críticas, professoras, colecionadoras, curadoras, galeristas, outros artistas etc.) que ajudaram na divulgação e propagação dos(as) artistas populares.

O Tópico 4 (19 de novembro a 03 de dezembro) tinha como objetivo provocar discussões sobre a divisão entre Artes populares e artes “eruditas”, indagando sobre possíveis diálogos, trânsitos e contaminações entre essas produções, considerando a diversidade de ambos os casos. Nesse tópico, levantamos questões presentes nos primeiros depoimentos: os populares podem ser contemporâneos? São contaminados pelas questões

artísticas contemporâneas? Contaminam a produção de artistas contemporâneos(as)? Essas questões convidavam os(as) estudantes a pesquisarem e refletirem a partir dos exemplos encontrados, e colocados no fórum: imagens, *links*, citações etc. Retomamos questões que já tinham surgido no Tópico 3 e procuramos trazer mais exemplos. Fechando o percurso de aprendizagem, foi proposta a construção de um texto (resumo expandido) com as seguintes orientações:

1. Dialogando com universos das artes populares, escolha um(a) artista, ou um evento tipo uma exposição, para desenvolver uma reflexão crítica analítica a partir do trabalho do(a) artista, ou da exposição escolhida.
2. Apresente o(a) artista e/ou a exposição (contextualize época, local a que pertence ou que atua etc.).
3. Destacando uma ou duas produções como objeto de análise (coloque as imagens).
4. Descreva o(s) trabalho(s) selecionado(s) e desenvolva uma reflexão crítica procurando ressaltar influências, trânsitos, relações de encontros e descobertas, e demais aspectos que você achar relevante.
5. Para a conclusão do texto, escolha uma das possibilidades: a) apresente ideias de como você poderia fazer para levar essa produção para o contexto pedagógico no ensino das artes visuais e/ ou; b) Desenvolva um trabalho visual que dialogue com a produção escolhida, apresente o descreva o resultado.
6. Colocar as referências bibliográficas e videográficas consultadas.

### **Produção textual resultante**

Foram recebidos vinte trabalhos. Alguns(as) recorreram à pesquisa que já tinha sido realizada para o Tópico 2, outros(as) trouxeram trabalhos de artistas ainda não mencionados(as). Para efeito de sistematização de uma possível leitura dos resultados, e também como estratégia reflexiva, organizei os textos recebidos da seguinte forma: um texto que resulta de um exer-

cício de pesquisa de iniciação científica, dois que refletem sobre a disciplina. Os demais textos foram agrupados da seguinte maneira: nove textos que denominei de “populares clássicos”; cinco sobre artistas cuja produção pode estar conectada com a construção da modernidade no Brasil, seriam os “Populares Modernos”; cinco textos diversos entre si, mas que estão situados na contemporaneidade, chamei de “Populares Contemporâneos”; e mais dois textos que chamei de “Outros populares” pela natureza diversa do que apresentam.

## 1 UM EXERCÍCIO DE PESQUISA SOBRE O TEMA E PRODUÇÃO DE TCCs

O primeiro texto, “**Artesanato e arte popular em monografias e trabalhos de conclusão de curso**”, é de Mariana Miguel, que apresenta dados de sua pesquisa de iniciação científica sobre o lugar de estudo da arte popular e do artesanato na produção acadêmica, com foco em monografias e trabalhos de conclusão de curso (TCCs). Mariana demonstra a quase inexistência de TCCs com essa temática nos cursos de graduação em artes visuais, aparecendo com maior frequência em cursos de *Design* e outras graduações como Turismo e *Marketing*.

## 2 OLHARES DISCENTES SOBRE A DISCIPLINA

Temos dois textos que refletem sobre a própria disciplina. Achei essa iniciativa muito boa, pois, de uma certa forma, já me ajudava com as minhas inquietações sobre a importância de ainda ofertar uma disciplina com o conteúdo sobre arte e cultura popular, a qual, embora a nomenclatura esteja no singular, eu tentei ao longo do nosso percurso caminhar para compreensões mais plurais.

No texto “**Reflexões sobre a disciplina Arte e Cultura Popular**”, Letícia de Sá tece considerações sobre o conteúdo da disciplina, das aprendizagens resultantes das leituras que trouxeram novas referências artísticas e como, por meio do com-

partilhamento com outros colegas, teve a oportunidade de conhecer trabalhos “como os de Daiara Tukano e Mestre Vitalino que abordam narrativas em suas artes que descrevem em parte vivências cotidianas autênticas de um povo e suas tradições”. A autora questiona estigmas e denominações ligadas a essas produções.

Já no texto “**Arte Popular inserida ou como contrapon-to?**”, Marco Marques parte da reflexão de que “os discursos inclusivos (hoje fortes no meio acadêmico e na sociedade) partem, em grande parte, de movimentos e causas sociais importantes; e também são importantes para a defesa da arte popular, ou, da cultura popular”. Chama atenção para a importância da existência da disciplina no currículo de artes visuais, uma vez que esta aborda “produções, em grande parte, feitas por pessoas que sofrem o problema de não terem tanta visibilidade”, se comparadas com aqueles que foram valorizadas como artistas já canonizados pela História da Arte Europeia. Além disso, questiona o formato EAD da oferta, considerando uma forma de discriminação em relação a outras disciplinas trabalhadas de forma presencial.

### 3 POPULARES CLÁSSICOS

No grupo de “populares clássicos” tivemos os seguintes trabalhos: o texto “**Arte Popular de Mestre Vitalino – referência para novos artistas**”, de Ana Clara Losada Menezes Pinheiro, e o texto “**Mestre Vitalino: artista ou artesão?**”, de Laura Campos da Silva. O primeiro trabalho é mais com informações básicas sobre o artista que nasceu e viveu em Caruaru, Pernambuco, que aprendeu observando sua mãe a manusear o barro e começou desde criança a modelar animais e coisas do seu interesse do cotidiano. Seguindo o título, a autora finaliza dizendo que foi um grande representante da arte figurativa de Pernambuco e que inspirou diversos artistas a começarem suas produções com cerâmica.

Já o segundo texto procura provocar uma discussão que permeou nossas aulas síncronas, a saber a velha e eterna questão entre arte e artesanato. Depois de também contextualizar o processo de aprendizagem de Vitalino com a mãe louceira, Laura destaca o processo de ficar famoso por meio das exposições a “Cerâmica Popular Pernambucana”, organizada pelo arte educador e artista plástico Augusto Rodrigues, em 1947, e a “Arte Popular Pernambucana (1949)”, em São Paulo. Esses encontros e descobertas foram mote de discussão do segundo tópico da disciplina. Avançando para a proposta do título, a estudante se contrapõe à opinião de René Ribeiro (*apud* Waldeck, 2009), que uma parte do trabalho de Vitalino não pode ser chamada de arte porque sua produção era voltada para o mercado. Laura argumenta que na História da Arte, “diversos artistas consagrados realizaram suas maiores obras como encomendas, entre eles, podemos destacar Michelangelo e o Teto da Capela Sistina, e não tiveram seus status como grandes artistas questionados, por que, então, o de mestre Vitalino deve ser?”.

As duas artistas dos textos a seguir vêm da tradição ceramista do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. A primeira, Isabel Mendes da Cunha, conhecida como Isabel das Bonecas, “é uma figura proeminente na cena artística brasileira do século XX”. Nascida em Itinga, MG, em 1924, a ceramista e escultora deixou um legado marcante com suas criações, notadamente as emblemáticas noivas de cerâmica que caracterizam o Vale do Jequitinhonha. O texto apresentou uma síntese de Dona Isabel Cunha, destacando sua trajetória, influências e a singularidade de suas esculturas que retratam aspectos do universo feminino interiorano: noivas, mães amamentando e figuras em trajes festivos. Destaca também o reconhecimento do trabalho de Isabel para além das fronteiras de Minas Gerais, mencionando o prêmio UNESCO de Artesanato para a América Latina, recebido em 2004. A estudante propõe a incorporação do legado de Isabel Cunha no contexto pedagógico das artes visuais por meio de vi-

sitas guiadas a exposições, atividades práticas de cerâmica inspiradas em sua técnica, projetos interdisciplinares que exploram suas influências culturais e debates em sala de aula sobre a representação da mulher na arte.

Nessa mesma linha, o texto **“Arte popular brasileira: Zezinha”**, de Ana Clara Fernandes, mostra como a artista Maria José Gomes da Silva dá continuidade à tradição familiar do trabalho com o barro. Ana Clara destaca a questão financeira como determinante para a produção de Zezinha, que contou com o apoio da Codevale (Companhia do Vale), que fomentou a melhoria da produção por meio de cursos e oficinas e auxiliou no escoamento das peças produzidas. Já demonstrando as relações existentes entre as grandes empresas e o contexto da produção popular no Brasil.

Lucas dos Reis Nascimento, no texto **“A arte santeira piauiense: Mestre Dezinho”** (José Alves de Oliveira), apresenta esse importante artista da madeira, menos conhecido que o mestre Vitalino, mas tão importante quanto ele. O estudante procura contextualizar origem, formas de aprendizado familiar e descrever a tipologia da arte santeira do mestre Dezinho. Justifica a escolha pelo pioneirismo e pelo fato do seu estilo dialogar com o povo, a cultura da região, destacando como elemento constante o caju, fruta típica da região. O autor chama a atenção para o fato de a arte de Dezinho ser conhecida em vários cantos do mundo, tendo feito exposições em países como: México, República Tcheca, Itália, Israel, França, Bélgica e Estados Unidos, entre outros. Destaca, ainda, o papel do mestre com inaugurador de uma escola, uma tradição da arte santeira no Piauí.

Geovana Pinheiro escolheu um artista mais conhecido e produziu o texto **“J. Borges: onde a xilogravura e a poesia se conectam”**. A estudante enfatiza a importância de J. Borges (José Francisco Borges) como um dos maiores xilogravuristas do Brasil que tem reconhecimento internacional, e indaga: por que não o conhecemos? Partindo dessa pergunta, ela defende a

necessidade da presença desses artistas nos contextos escolares de todo o país. Geovana também contextualiza a produção do artista junto à literatura de cordel, como foi ganhando notoriedade, especialmente depois de ser reconhecido pelo escritor Ariano Suassuna. Também propõe que esse artista seja apresentado nas escolas numa ação interdisciplinar entre a disciplina de língua portuguesa, quando se é trabalhada a literatura de Cordel, juntamente com a disciplina de artes, a partir das gravuras com as quais os alunos podem estudar os artistas responsáveis por essa produção no Brasil.

Lucas Coelho Dantas também escolhe um artista bem conhecido no seu texto **“Sonoridades de Bispo do Rosário, análise contextual da exposição e panorama artístico”**, detendo-se à visualidade dessa mostra, que aconteceu no Museu Oscar Niemeyer do estado do Paraná, realizada entre 2023 e 2024.

Com base no catálogo, Lucas presta atenção nos materiais e formas de produzir os objetos de Bispo do Rosário. Verifica como esse artista ressignifica os objetos de seu cotidiano e os transforma em fonte de inspiração e legado tanto artístico quanto cultural à sua maneira. Desse aspecto, Lucas sugere que diversas propostas didáticas podem ser realizadas no meio escolar, como os estudantes trazerem brinquedos que não são mais utilizados e materiais escolares de anos anteriores para gerarem obras artísticas autorais e de significado próprio, e após isso utilizarem dessa prática para se conscientizar do papel da reciclagem no meio escolar e artístico para um mundo melhor e mais acessível/sustentável para todos(as).

O texto **“Expressividade artística de Gerson de Souza”**, de Gabriela Pires de Queiroz Oliveira, revela-nos Gerson, um artista contemporâneo de Vitalino que procurou Augusto Rodrigues no Rio de Janeiro – responsável por promover uma exposição de Mestre Vitalino em 1958. Diferente do pernambucano, Gerson nasceu no Rio de Janeiro, mas ficou conhecido por retratar em seus desenhos, pinturas, gravuras e talhas tanto fi-

guras da periferia urbana, tais como prostitutas, marinheiros e jogadores de futebol, como também figuras nordestinas, como cangaceiros, santos ou personagens do folclore nacional.

**Figura 1 – Cristo (Mestre Dedezinho)<sup>1</sup>**



Fonte: Reprodução fotográfica do site Teresina Panorâmica.

**Figura 2 – O Sertão Antigo (J. Borges)**



Fonte: Memorial J. Borges<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Altar-mor da Igreja Nossa Senhora de Lourdes.

<sup>2</sup> Xilogravura, 48 x 66 cm. Disponível em: <https://memorialjborges.com/> Acesso em: 04/02/2024.

**Figura 3 – Noivos<sup>3</sup> (Mestre Vitalino)**



Fonte: Reprodução fotográfica Soraia Carls/ Evandro Carneiro Leilões.

**Figura 4 – Noiva<sup>4</sup> (Zezinha)**



Fonte: Editora UNESP (2008).

<sup>3</sup> Cerâmica policromada.

<sup>4</sup> Cerâmica policromada. Reprodução fotográfica Noivas da Seca: cerâmica popular do vale do Jequitinhonha, Editora UNESP, 2008.

**Figura 5 – Dona Isabel (2009)<sup>5</sup>**



Fonte: Foto e João Liberato/Reprodução Site Galeria Estação.

**Figura 6 – Garotas na Espera<sup>6</sup> (Gerson de Souza)**



Fonte: Fonte: [s.l.].

5 Sem Título. Dona Isabel, 2009 – Cerâmica policromada, 82 x 33 x 23 cm.

6 2000, óleo sobre placa, 40x60 cm.

Ainda na categoria populares clássicos, temos o texto **“Mestre Didi e sua relação com a Arte Popular”**, de Acsa Natália Oliveira Martins. No seu trabalho, Acsa ressalta a religiosidade e a ancestralidade afro-brasileira nos trabalhos do artista. Explica que seu trabalho pode ser visto como arte popular, “porque não faz parte da cultura dominante, porque evoca uma cultura que resiste após séculos de luta contra o seu próprio apagamento”.

**Figura 7 – Vinte e um Veleiros (Bispo do Rosário)**



Fonte: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Montagem, carpintaria, pintura, costura e escrita, 37,00 cm x 60,00 cm. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itau-cultural.org.br/obra25217/sem-titulo-vingte-e-um-veleiros>. Acesso em: 04 fev. 2024. Verbetes da Enciclopédia.

**Figura 8** – OPA IWIN IGI IGBO – Espírito da árvore da floresta<sup>8</sup>



Fonte: [s.l.].

Assim, nesse conjunto, tivemos dois textos sobre Mestre Vitalino, dois textos sobre mulheres bonequeiras do Vale do Jequitinhonha-MG, Dona Isabel e Zezinha, um texto sobre Mestre Dezinho, santeiro piauiense, um texto sobre o xilogravador pernambucano J. Borges, um texto sobre Gerson de Sousa, os textos sobre o escultor Mestre Didi e sobre Bispo do Rosário, que escrevia bordando e costurando o seu infinito particular. Podemos dizer que com exceção de Gerson de Souza, os demais são artistas já bastante conhecidos e que se tornaram icônicos quando tratamos de arte popular no Brasil, mas que não necessariamente são conhecidos por estudantes de artes visuais, seja nos cursos de licenciatura ou nos cursos de bacharelado.

#### **4 POPULARES MODERNOS**

Outros textos trouxeram o que chamo de populares ligados à nossa modernidade, no caso conectados a modos de vida

<sup>8</sup> s.d, palha, couro, miçangas e conchas 138 x 50 x 15 cm.

urbano. Mirian Raiza dos Santos Castro decide trabalhar com Djanira da Motta e Silva ressaltando a importância de destacar artistas femininas nas artes visuais, e como Mirian coloca “sobretudo artistas consideradas populares, pois, o apagamento, na história da Arte, é ainda mais severo para as últimas”. Concordo com a estudante, uma vez que esse duplo apagamento é também uma marca nesse campo, geralmente conhecemos os artistas homens citados no primeiro grupo desse texto. Por isso, a artista escolhida é uma mulher que passou por diversos percalços durante sua vida e utilizou o seu cotidiano como fonte de inspiração para sua arte. No texto “**Djanira: uma artista popular**”, Mirian discorda do rótulo de *naif* colocado na artista, e ressalta a afirmação de Djanira: “Eu é que sou ingênua, não minha pintura” (Assis; Santos, 2016, p. 28). Suas obras trouxeram temáticas ligadas ao cotidiano do homem e da mulher comum, suas rotinas de trabalho, religião e momentos de lazer.

**Figura 9** – Noite de São João (Djanira, 1946)<sup>9</sup>



Fonte: [s.l.].

<sup>9</sup> Guache sobre cartão, 31x35 cm.

**Figura 10 – Carnaval nos Arcos da Lapa (Heitor Prazeres, 1961)<sup>10</sup>**



Fonte: [s.l.].

Geovana Beatriz escolheu Heitor dos Prazeres, devido à atuação do artista em várias atividades tais como jornalista, engraxate, marceneiro, compositor e pintor, o título do texto ficou assim: “**Heitor dos Prazeres um multi artista popular brasileiro**”. Heitor é colocado nesse grupo devido à sua conexão com a vida urbana, o carnaval, as festas e outras manifestações cidadinas. Nos anos 1940 e 50, expôs em bienais, ganhou prêmios e notoriedade.

Para completar esse grupo, temos dois artistas goianos: Octo Marques e Luiz Curado, vamos ver em que contexto eles se encaixam na perspectiva da modernidade. O estudante Wrik Jordano dos Santos Castro apresentou o texto “**Octo Marques: o artista e sua cidade**”, no caso a cidade de Goiás, antiga capital do estado, cuja perda desse *status* provocou protestos e indignação por parte dos vilaboenses, dentre os quais o artista em questão.

O texto informa que Octo era jornalista, escritor, cenógrafo e funcionário público, que aprendeu pintura, gravura, técnicas em nanquim e utilizou materiais como casco de tartaruga e pedra-sabão. Nesse caminho, o artista foi caracterizado como um artista *naif*. Seus quadros apresentam a cidade com paisa-

<sup>10</sup> Óleo sobre madeira 53x37 cm.

gens bucólicas, uma modernidade que se despede em prol da modernidade que se afirma, o que se dá com a mudança da capital para Goiânia. É justamente nesse novo cenário que se situa o último artista desse grupo apresentado pela estudante Maria Vitória Rodrigues Firmino no texto: **“A contribuição de Luiz Augusto do Carmo Curado para a arte goiana”**.

**Figura 11** – Sem título (Octo Marques, 1981)<sup>11</sup>



Fonte: Acervo – Liliane de Sá Feitosa.

**Figura 12** – Xilografia a fio (Luiz Augusto do Carmo Curado)<sup>12</sup>  
(aquarelada)



Fonte: [s.l.].

<sup>11</sup> Técnica: Óleo sobre tela, 34x54 cm.

<sup>12</sup> Xilografia a fio (aquarelada) data desconhecida., 27cm x 35,5cm. Fonte: Goya (2011), doação de Ely Craveiro Curado.

Luiz Curado foi um líder cultural em Goiás com uma preocupação especial com a formação de artistas modernos, tendo sido um dos fundadores da Escola Goiana de Belas Artes (EGBA). Dedicou-se à xilogravura, expressão gráfica e deixou raízes dessa linguagem em artistas jovens da capital. Atuou também no teatro. Fundou a Escola Veiga Valle, em 1962, até hoje espaço de referência no ensino de arte para crianças. Embora não explicita, creio que a escolha do estudante por Luiz Curado como exemplo de artista popular se deva ao caráter das suas gravuras, que trazem, como ela mesma aponta, “o sentimento de simplicidade, de uma vida pacata interiorana”, remetendo a elementos da cultura regional.

## 5 POPULARES CONTEMPORÂNEOS

**Figura 13 – Iemanjá<sup>13</sup> (Clélia Lemos, 2023)**



Fonte: site Casacor.

<sup>13</sup> Técnicas mistas, estandarte, 60 x 100 cm.

**Figura 14** – O Poder delas (Willi de Carvalho)<sup>14</sup>



Fonte: [s.l.].

**Figura 15** – Homem amando até a última gota (Susano Correia)



Fonte: [s.l.].

---

<sup>14</sup> Belo Horizonte, Minas Gerais.

Dentro do que estou chamando de populares na contemporaneidade, temos **Clélia e seus estandartes**, no texto de Maria Júlia R. Mendes, que apresenta uma tradição viva ligada aos rituais festivos da religiosidade popular com obras dedicadas a santos e orixás, utilizando de técnicas diversas como bordado e colagem. Outra estudante, Agda Fernanda Almeida Murg, escolhe o marido de Clélia, o artista Willi de Carvalho, e produz o texto “**Willi de Carvalho – Folia das cores**”, que produz miniaturas representando festas populares mineiras e outros temas regionais. Já Ingrid Cavalcante dos Reis escolheu um artista catarinense que tem mais de um milhão de seguidores em suas redes sociais, e produziu o texto “**Susano Correia, o artista que comove**”, ressaltando a popularidade e alcance midiático do trabalho do artista como critério para discutir popular.

## 5.1 CONEXÕES COM A PRODUÇÃO FAMILIAR

**Figura 16** – Boneco de pano Kalunga (Dona Fiota)



Fonte: Acervo Josivânia Santos.

**Figura 17 – Meu pai e sua criação<sup>15</sup>**



Fonte: Arquivo pessoal Victor Marcelo.

**Figura 18 – Akiguibureu, ou guikui – enfeite do peito<sup>16</sup>**



Fonte: Mariana.

<sup>15</sup> Sem data.

<sup>16</sup> Fragmento de vídeo gravação.

Ainda no grupo de uma produção contemporânea, reuni três textos realizados a partir de referências familiares. Victor de Oliveira Marcelo, no âmbito do *Design Vernacular*, apresenta a memória do seu pai e produz o texto **“Brinquedo adulto – um artesão popular e seu design ambulante”**, no qual, partindo de um diálogo com Lina Bo Bardi no livro “Tempos de Grossura: O Design no impasse” (1994), conta-nos da relação do seu pai com sua bicicleta, um triciclo que ele adaptou para trabalhar nas ruas. O outro texto é o de Josivânia dos Santos, que entrevista sua mãe, Dona Deuzami Francisco da Conceição, uma artesã quilombola que dentre tantos outros saberes se destaca pela tradição da criação do seu boneco Kalunga. Da entrevista, nasce o texto **“Memorial de Dona Fiota Kalunga: meu boneco de pano”**.

No texto, Josivânia apresenta sua mãe como produtora rural de alimentos naturais participantes da rede mãe de óleo Kalunga, residente desde 1975, ano em que nasceu no interior de Vão de Almas, fazenda Capivara, município de Cavalcante-Go. No seu território, além de fabricar produtos naturais, adquiriu o grande conhecimento em raízes medicinais e ajudante de parto na maternidade, atualmente é produtora e vendedora de produtos nas feiras colaborativas.

Mariana dos Santos Cibaeko Ekureudo, estudante indígena utilizando gravação em vídeo no celular entrevista sua irmã, Maria Rosinete Metugubo, sobre a produção de um colar. Desse vídeo, surgiu o texto **“Bororo – Artesanato Bororo – enfeito do peito”**, que vai revelando o processo da construção e usos desse artefato, a conexão com o espiritual e a natureza e a função que tem nos rituais sagrados do povo Boi Bororo.

## 5.2 OUTROS POPULARES

**Figura 19 – Para aquilo que se tece (Elinaldo Meira)<sup>17</sup>**



Fonte: [s.l.].

Ainda dentro dos populares contemporâneos, temos o texto **“Tecendo emoções: uma jogada de cura e expressão na arte de Elinaldo Meira”**, de Vitória Terra Guimarães, sobre a exposição de um professor/artista da UFG. Na exposição, o artista trabalha com objetos oriundos do universo da vida popular, tais como a viola de cocho, cabaças e o tear, colocados em um ambiente terroso, “convidando os espectadores a se conectarem com sentimentos universais de perda e crescimento”. Vitória nos explica que a “metáfora do tear convida à reflexão sobre a complexidade dos relacionamentos humanos, exigindo esforço e comprometimento para prosperar” e que os elementos simbólicos evocam pertencimento e nostalgia, enriquecendo visualmente a exposição e conectando os(as) espectadores(as) com a herança cultural do artista. O trabalho de Vitória se conecta com o quarto tópico, onde discutimos os diálogos e hibridismos entre popular e contemporânea, colocando em questão a dicotomia entre essas duas denominações. No fórum desse tópico, encontramos a seguinte reflexão da aluna:

<sup>17</sup> Exposição na Vila Cultural Cora Coralina, Goiânia, Goiás.

Os artistas populares, mesmo aqueles com grande apelo junto ao público em geral, podem coexistir e participar do cenário artístico contemporâneo. Sua popularidade não os exclui do contexto cultural e artístico mais amplo da época em que vivem (Vitoria Terra Guimarães – sexta, 22 dez. 2023, 01:45).

Finalmente, como último texto, Matheus Rezende nos apresenta um tema inusitado, mas que contribui para ampliar as possibilidades do estudo sobre os diversos gêneros populares. No texto **“Fakedex como manifestação cultural popular”**, Matheus discorre sobre como o popular também está presente no universo das tecnologias, e apresenta Bagdex, criado por Bág, de 2021 a 2022, uma “enciclopédia de um conjunto de releituras das primeiras 151 criaturas da franquia multimídia Pokémon”. Matheus explica que as imagens construídas para essa enciclopédia são baseadas nas brasilidades e folclore brasileiro. Bág se apoia no movimento artístico chamado de Fakemon\Fakedex, que se caracteriza por trazer os elementos dessa franquia bilionária para o contexto sociocultural do autor ou autora.

**Figura 20 – Saci, o Fakemon libertação**



Fonte: [s.l.].

### **Conclusão: os que os textos dizem sobre a disciplina no currículo?**

Retomando o início deste texto, relembro que a lida com a disciplina de Arte e Cultura Popular tem sido uma constante em

minha trajetória docente, durante a qual tenho tentado construir argumentos que advogam um lugar de visibilidade para a produção dos diversos populares nos currículos dos cursos de artes visuais. Historicamente, essa disciplina sobrevive nas franjas curriculares ou nas bordas periféricas dos currículos. Por vezes, essa luta cansa, e digo a mim mesma: agora chega, não vou mais insistir. Mas a cada vez que me convidam para ofertar a disciplina, lá vou eu, novos planos, novos textos, novos percursos de estudos e reflexões.

Nesse ano de 2023, decidi focar na produção de artistas plásticos(as) já catalogados(as) como tal pela crítica, pela história etc. Artistas que fazem parte de um circuito das artes: exposições individuais e coletivas, histórias de migração ou de fixação em seus lugares de origem, muitos(as) participaram de bienais nacionais e internacionais, muitos(as) são artistas premiados(as) etc. Mas pouco conhecidos(as), não fazem parte do repertório artístico da arte brasileira, só um(a) ou outro(a) conseguem furar essa bolha. Alguns(as) são bastante trabalhados(as) nas escolas, mas de forma esvaziada, folclorizada, como é o caso de Vitalino.

Diante dessas inquietações, acredito que o conjunto dos textos da produção discente realiza uma imersão, um contato, com a diversidade e riqueza dessa produção. Foram muitas as manifestações de surpresa diante dos trabalhos que iam sendo apresentados durante as aulas.

Alguns(as) estudantes conseguiram estabelecer pontes entre o(a) artista estudado(a) e as questões discutidas nos tópicos das disciplinas, outros(as) conseguiram traçar projeções de como este(a) artista poderia ser trabalhada(a) em sala de aula em um futuro exercício acadêmico. Outros(as) atenderam ao que foi proposto, de estabelecerem uma correlação entre a produção do(a) artista e a sua própria poética, desenvolvendo um desenho ou pintura para dialogar.

Embora uma boa parte tenha repetido textos de sites, é possível ver na maioria um esforço de um posicionamento crí-

tico frente ao(à) artista escolhido(a), como é o caso da aluna que justifica sua escolha pela importância de dar visibilidade a artistas mulheres no contexto da arte popular. Certamente, não atendemos à expectativa mencionada por um estudante no início do semestre, a de aprender as características que diferenciam a cultura popular da cultura dita erudita. Muito pelo contrário, a proposta da disciplina procurou mostrar as interseções, contaminações e as dificuldades da pretensão de estabelecer uma rígida divisão entre erudito e popular. Apesar disso, procuramos entender os circuitos já existentes que abarcam uma imensa produção de produtores(as) no Brasil, mas que pouco chega ao currículo dos cursos de artes visuais no país.

No entanto, os resultados dos textos me dizem que o exercício valeu a pena, que o repertório sobre artistas e a produção de artistas populares, nas variadas possibilidades, foi ampliado, e que concepções simplistas sobre popular também foram problematizadas. Existe um campo a ser estudado, com uma vasta produção já catalogada, com memória crítica, com circuitos e regimes de visibilidade, tais como museus, galerias, feiras, bienais, mostras, publicações, vídeos, documentários etc. Assim como existe uma produção que ainda existe à margem desses circuitos, mas que também tem seus movimentos de circularidades.

Lembrei também de uma informação que Lélia Coelho Frota nos dá sobre a família de Dona Izabel. Sua neta, Andréia, nascida em 1981, cursou Belas Artes em Belo Horizonte e bancou seus estudos com a arte da construção de figura. Ou seja, quantos(as) jovens não têm experiências na família que vêm desse veio, mas que não se reconhecem nas universidades? E se essa produção, como afirma Mammí, faz parte de uma longa tradição, por quais razões não faz parte do currículo? E quando faz, por que razão situa-se na periferia das propostas de formação em artes visuais?

## Referências

ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. *In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

BOSI, Alfredo. (Org). Plural mas não Caótico. *In: Cultura Brasileira: temas e situações*. 4. ed. Editora Ática, Série Fundamentos, 1999.

DALGLISH, Lalada. *Noivas da Seca: Cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

FROTA, Lélia Coelho. Entrevista para a Riccardo Gambarotto. *Revista RAIZ*, Edição n.º 1, [s.d.]. Disponível em: [http://revista-raiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com\\_content&task=view&id=57&Itemid=71](http://revista-raiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=57&Itemid=71). Acesso em: 9 jul. 2015.

FROTA, Lélia Coelho. Mestra Izabel: do Jequitinhonha, do mundo. *In: EID, Vilma; MONTE-MÓR, Germana. Arte popular brasileira: olhares contemporâneos*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, Instituto do Imaginário Brasileiro, 2018. p. 101-120.

GUIMARÃES, Leda. *Entre a universidade e a diversidade: a linha vermelha do ensino da arte*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAMMÌ, Lorenzo. Apresentação/Arte Popular: caminhos. *In: EID, Vilma; MONTE-MÓR, Germana. Arte popular brasileira: olhares contemporâneos*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, Instituto do Imaginário Brasileiro, 2018. p. 37-43.

WALDECK, Guacira. *Mestre Vitalino e artistas pernambucanos*. Texto e organização de Guacira Waldeck. Rio de Janeiro: IPHAN:

CNFCP, 2009. [Catálogo da exposição realizada na Galeria Mestre Vitalino, no período de 17 de dezembro de 2009 a 21 de fevereiro de 2010].

### Textos dos estudantes (não publicados)

ARAÚJO, Letícia de Sá. *Reflexões sobre a disciplina Arte e Cultura Popular*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

BEATRIZ, Geovana. *Heitor dos Prazeres: um multi-artista popular brasileiro*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

CASTRO, Mírian Raíza dos Santos. *Djanira: uma artista popular*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

CASTRO, Wrik Jordano dos Santos Castro. *Octo Marques: o artista e sua cidade*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

DANTAS, Lucas Coelho. *Sonoridades de Bispo do Rosário, análise contextual da exposição e panorama artístico*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

EKUREUDO, Mariana dos Santos *Cibaëbo. Bororo – Artesanato Bororo – enfeite do peito*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

FERNANDES, Ana Clara. *Arte Popular Brasileira: Zezinha*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

FIRMINO, Maria Vitória Rodrigues. *A contribuição de Luiz Augusto do Carmo Curado para a arte Goiana*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

GUIMARÃES, Vitória Terra. *Tecendo emoções: uma jogada de cura e expressão na arte de Elinaldo Meira*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

MARCELO, Victor de Oliveira. *Brinquedo adulto – um arteiro popular e seu design ambulante*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

MARQUES, Marco. *Arte Popular inserida ou como contraponto?* Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

MENDES, Maria Júlia R. *Clélia Lemos e seus standartes*. Texto desenvolvido para disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

NASCIMENTO, Lucas Dos Reis. *A arte santeira piauiense: Mestre Dezinho*.

OLIVEIRA, Gabriela Pires de Queiroz. *Expressividade Artística de Gerson de Souza*. Texto desenvolvido para disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

PINHEIRO, Geovana. *J. Borges: onde a xilogravura e a poesia se conectam*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

PEREIRA, Carolina Mazoti. *Isabel Mendes da Cunha: a expressão singular da mulher interiorana na cerâmica*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

REIS, Ingrid Cavalcante dos. *Suzano Correia: um artista que comove*. Texto desenvolvido para disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

REZENDE, Matheus. *Fakedex como manifestação cultural popular*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

SANTOS, Josivânia. *Memorial de Dona Fiota Kalunga: meu boneco de pano*. Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.

SILVA, Laura Campos da. *Mestre Vitalino: artista ou artesão?* Texto desenvolvido para a disciplina Arte e Cultura Popular. Faculdade de Artes Visuais. UFG. 2023.